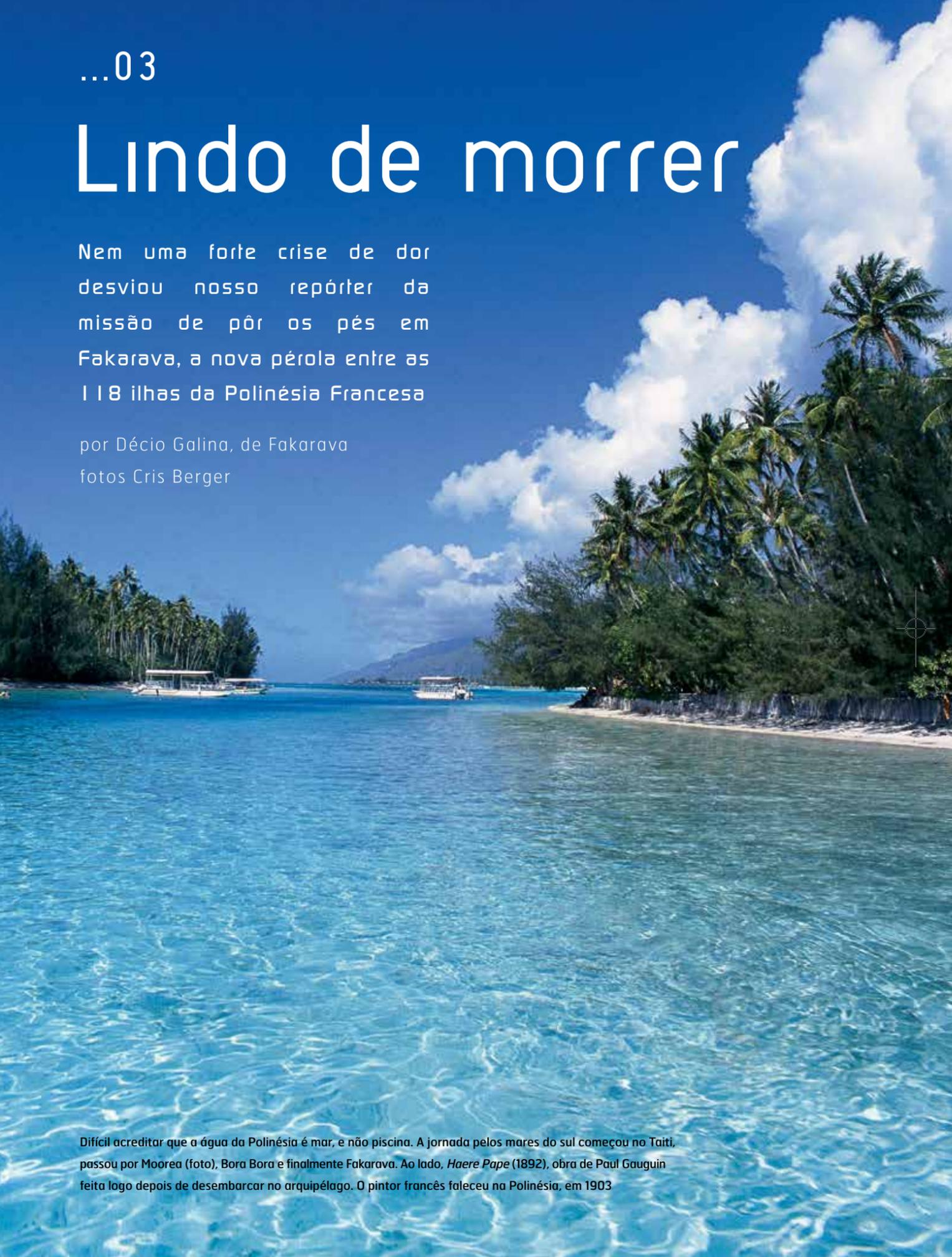


...03

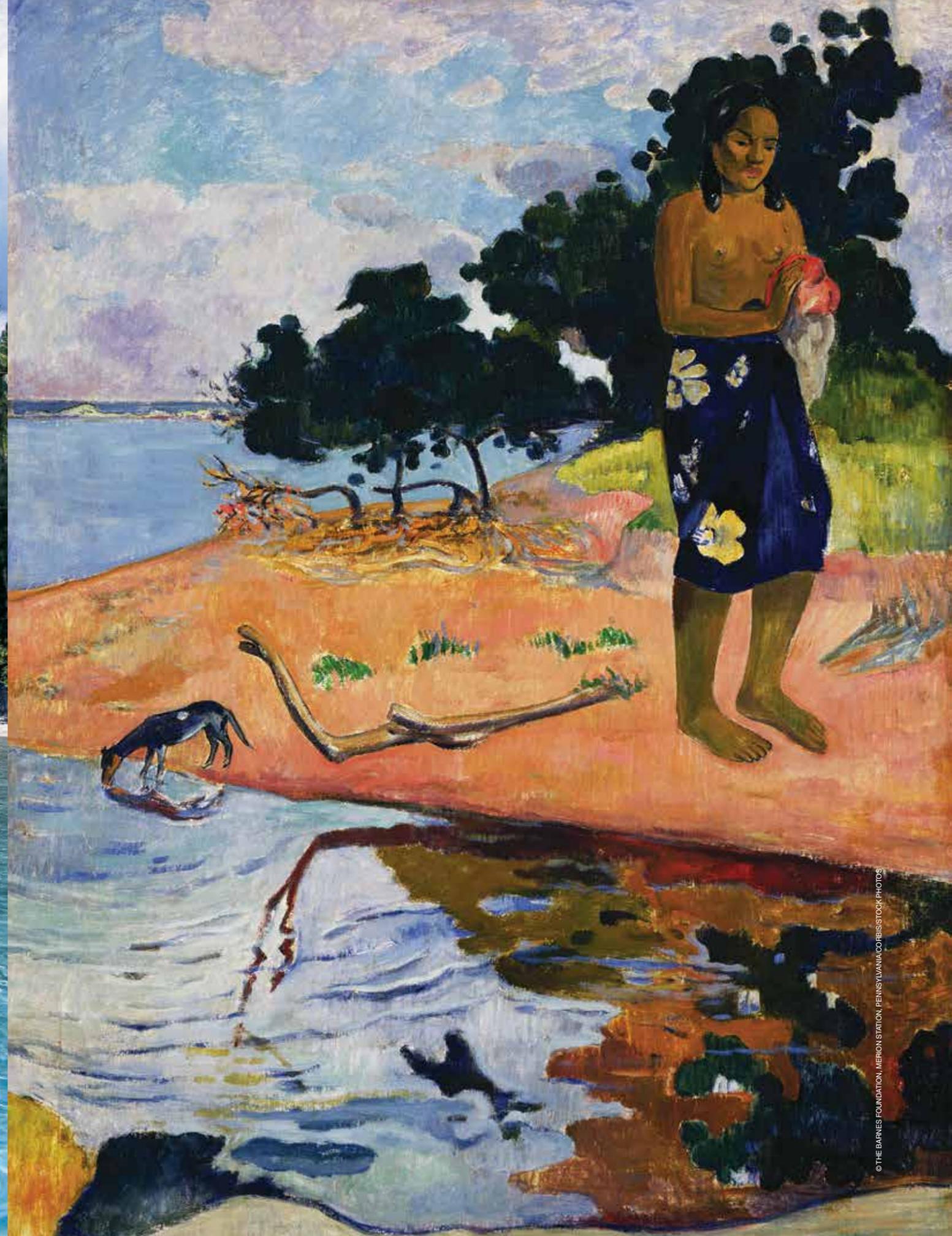
Lindo de morrer

Nem uma forte crise de dor desviou nosso repórter da missão de pôr os pés em Fakarava, a nova pérola entre as 118 ilhas da Polinésia Francesa

por Décio Galina, de Fakarava
fotos Cris Berger



Difícil acreditar que a água da Polinésia é mar, e não piscina. A jornada pelos mares do sul começou no Taiti, passou por Moorea (foto), Bora Bora e finalmente Fakarava. Ao lado, *Haere Pape* (1892), obra de Paul Gauguin feita logo depois de desembarcar no arquipélago. O pintor francês faleceu na Polinésia, em 1903



Os dois extremos da jornada: abaixo, os primeiros passos no mercado público de Papeete, no Taiti.

Ao lado, o ápice reservado para o final: ilha deserta, ao sul de Fakarava, próxima à passagem de Tamakohua



Andei. Fingou feio, mas fingi que não era comigo. Andava já há algum tempo. Antes mesmo de o sol esconder a noite de vez, já deixava pegadas no lusco-fusco, ao som das marolas que acordam. Do nada, outra onda de dor aguda, muito forte, voltou a socar o abdômen. Um gancho certo. Perdi a fluência do respirar. Mais nenhum passo — e desabei sobre grãos de areia ainda frios. Como assim? Como podia sentir aquilo logo ali? Na orla do Sofitel Ia Ora, no litoral nordeste da ilha de Moorea, esta era a primeira alvorada realmente com cara de Polinésia Francesa. A anterior acontecera a 17 quilômetros dali, na urbana Papeete, capital do Taiti. O Taiti é a mais agitada ilha entre as 118 dos cinco arquipélagos — Sociedade, Tuamotu, Marquesas, Austrais e Gambier — que formam a Polinésia Francesa, uma imensa área do Pacífico Sul maior que a Europa. O que de melhor existe no Taiti, aliás, é justamente o horizonte recortado pelo relevo abrupto da vizinha Moorea. Estirado na praia, era difícil entender aquele sofrimento inexplicável, algo que nunca tinha sentido.

Continuei deitado na areia, de barriga para cima, crente que aquilo tudo logo passaria. Durante a expectativa da sobrevivência e de minutos melhores, investi as atenções na copa completamente estática de um coqueiro — ou “girafa vegetal”, como compara o escritor escocês Robert Louis Stevenson, em *Nos Mares do Sul*, livro sobre a viagem que fez pela região a partir de 1888 e que marcaria os últimos seis anos de uma vida definhada pela tuberculose. A copa estática, então, me fez imaginar que o segundo precedente à morte congela imagens do que estiver acontecendo na

hora H — o que se vê por último, pensei, deve ser como uma foto do derradeiro instante de consciência. E o coqueiro seguia imóvel.

Marolas mais tarde, boas novas: senti a dor dar um descanso. Devagar, levantei e comprovei que estava melhor. A dor foi embora; também fui. Andei. E logo cheguei à conclusão de que “aquilo” tudo não passara de um mal-estar tolo. Coisa besta, sem importância. Quis fazer um teste mais sério sobre minhas condições de saúde e decidi mergulhar — na Polinésia Francesa, tudo é motivo para mergulhar. Pé-de-pato (ou nadadeiras, como diriam os iniciados), snorkel, óculos e começa o show. A transparência da água faz os peixes multicoloridos flutuarem no vazio como móveis amarrados à superfície. Os corais parecem feitos no Photoshop. Difícil sair da água. Ótimo. Pelo jeito, estava mesmo recuperado e pronto para o próximo compromisso: passeio de barco pela estreita baía de Cook, alimentação de tubarões, arraias e um piquenique na praia. O nome da baía homenageia James Cook, navegador inglês que esteve por aquelas bandas três vezes, a primeira delas em 1769, a bordo ►



Abaixo, o visual proporcionado pelo bangalô do hotel Matai Dream — o único de categoria em Fakarava. O lugar, de 699 habitantes, se resume a uma estreita faixa de areia entre o oceano represado e o mar aberto



do *HMS Endeavour*, comandando uma expedição científica da Royal Society para observar o trânsito de Vênus pelos céus. Sim, sim, um espetáculo de programa. Típico dia que explica a presença desse destino no sonho de qualquer mortal sensato. Destaque para o cara a cara com os tubarões sem nenhuma proteção — impossível não lembrar da trilha sonora de duas notas, vencedora de Oscar, composta por John Williams para o clássico *Tubarão* (1975), de Spielberg.

No retorno de barco, o alerta amarelo da dor piscou. Senti a aproximação da dita e tudo o que almejava era alcançar o quanto antes o hotel — o “quanto antes” nunca demorou tanto. Tentava me distrair com o contorno encrespado da ilha e o verde que cobre a base de montanhas como a Tohica, pico culminante com 1.207 metros, ou a Rotui, 899 metros debruçados sobre a baía de Cook (só para comparar, vale lembrar que o morro do Pico, ponto mais alto de Fernando de Noronha, tem 323 metros). No mar, o azul trocava de tipos. O dégradé constante entre tonalidades jamais vistas era a certeza de que o barco voava para o hotel. Porém, ela, a dor, acelerava com mais vigor e me retorcia. Finalmente no bangalô, a pior crise. Cheguei aos berros — e só relaxei quando o incômodo foi extirpado à base de uma injeção aplicada pela clínica geral Alexandra Thoumieux, diplomada na Faculdade de Paris XII, conforme informava o receituário.

A doutora Alexandra suspeitou de pedra no rim — a famosa dor que, em intensidade, só perde para a do parto. Para ter convicção do diagnóstico, ela necessitava do resultado de exames impossíveis de serem feitos em Moorea.

Aí, a sinuca da viagem: ou retornava para o Taiti e me tratava decentemente, ou arriscava sobreviver com a ajuda de remédios e seguia a programação, que me levaria cada vez a ilhas menores e com menos estrutura para atender a uma emergência. Dúvida cruel. As escalas seguintes seriam Bora Bora e Fakarava. A primeira — antigamente conhecida como Mai Te Pora (ou “criada pelos deuses”) — já virou sinônimo de paraíso na Terra, exibe um colar de coral represando o oceano, possui os mais concorridos bangalôs com chão de vidro sobre a água e é desejada pela nata do jet set internacional. A segunda, bem, a segunda atraiu inicialmente pela falta de referência — fora dos tradicionais circuitos polinésios, Fakarava é conhecida por pouquíssima gente (faça um teste: pesquise, entre os amigos que visitaram a Polinésia, quantos puseram os pés em Fakarava...). Enfim, queria mesmo era deslumbrar-me com Bora Bora, estava ansioso por isso, sem imaginar, no entanto, que se escondia justamente em Fakarava o ponto alto da viagem e, por que não dizer, um dos lugares mais especiais da vida. ▶

Feitiço polinésio

por Fernando Paiva

Em 1930, Friedrich Wilhelm Murnau, um dos pais do expressionismo alemão no cinema, embarcou rumo às Ilhas da Sociedade para filmar aquela que seria sua última obra: *Tabu*. Para ajudá-lo, o autor de *Nosferatu* (1922) e *Fausto* (1924) levou o inventor do documentário moderno, o americano Robert Flaherty (*Nanook of the North*). Murnau já vivia nos Estados Unidos e essa viagem para o Pacífico Sul representou para ele um alumbramento, uma epifania, uma libertação. Homossexual, ele passara boa parte da vida “no armário”, acuado pela legislação de origem prussiana que condenava sua opção sexual na Alemanha. Em Bora Bora, ele encontrou na sensualidade livre da ilha uma espécie de redenção.

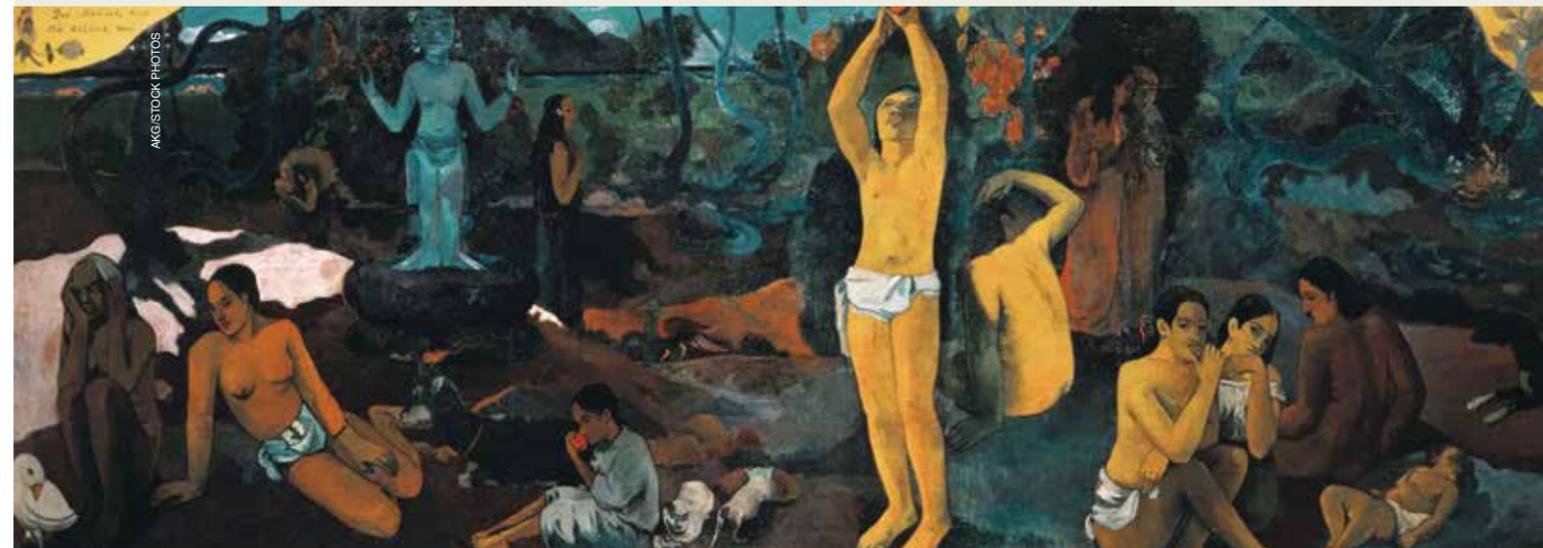
Com exceção de um ator profissional, todo o elenco de *Tabu* compunha-se de nativos. *Tabu* é uma história simples: Matahi, um pescador de pérolas, apaixonou-se por Reri, linda jovem polinésia, declarada tabu pelos anciões da tribo. Apaixonados e dispostos a tudo, eles enfrentam o interdito e fogem. Mas o mar, figura sempre presente na cultura polinésia, se encarrega de puni-los. O filme, disponível em DVD, é marcado por belas tomadas submarinas, tem um lado etnográfico que mostra como ainda na década de 30 a vida era simples em Bora Bora e tornou-se um dos clássicos da história do cinema. Murnau morreria no ano seguinte, em Santa Mônica, Califórnia, num acidente automobilístico, ao lado de seu criado filipino, uma semana antes da estréia de *Tabu*.



Reri e Matahi em *Tabu* (1931), última obra do diretor alemão F. W. Murnau

Brando e Gauguin

Três décadas depois, o arquipélago fisgou o ator Marlon Brando (1924-2004) durante as filmagens de *O Grande Motim* (1962). Enfeitiçado pela atmosfera local, Brando casou-se com a atriz nativa Tarita Teriipaia e comprou o atol de Tetiaroa. A vida e a obra do pintor Paul Gauguin (1848-1903) também foram profundamente marcadas pela Polinésia. Gauguin lá esteve duas vezes: uma em 1891 e outra em 1901, quando se fixou em Hiva Oa, nas ilhas Marquesas, até morrer. Na Polinésia, ele pintou obras-primas como *De Onde Vimos? Quem Somos? Para Onde Vamos?*, *Garota de Leque* e *Ta Matete*.



Obra-prima de Gauguin: *De Onde Vimos? Quem Somos? Para Onde Vamos?* (1897).

Trabalho grandioso em dimensões monumentais: o óleo sobre tela mede 1,39 x 3,75 metros

E a doutora Alexandra ali, sentada à beira da cama, aguardando meu veredicto. Pela ampla porta do bangalô, namorei o mar perfeito ao som do ventilador de teto que, aos poucos, secava o suor nefrágico. Ainda delirante, a mente mesclava imagens subaquáticas dos tubarões, nadando em minha direção, com cenas da lagoa turquesa, passando como um tapete sob o casco do barco. “Sigo em frente”, decidi de supetão. “Que venha Bora Bora!” Pronto. Dessa forma, dava as costas para o Taiti, adia de vez o retorno ao Brasil e ganhava da médica um levantar de sobrelhas como se dissesse: “Você quem sabe... O risco é seu...”. Convalescente, no dia seguinte poderia no máximo... mergulhar. Me esforcei para manter o tratamento à risca. Boiava em um quase silêncio. O ruído ritmado do ar transitando pelo snorkel — e só. Suspenso na paisagem cristalina parecia fora de órbita, experimentava a falta de gravidade como se fosse o astronauta paulista Marcos Pontes, o nosso Gagarin. Foi a última impressão de Moorea. Afinal, na Polinésia também existem horários. O próximo era o do vôo Moorea–Bora Bora.

Até quem não é muito fã de arrumar a mala e passar pela via-sacra de um embarque aéreo não reclama de sobrevoar esse salpicado de rochas vulcânicas e corais perdidos no cantinho esquerdo do mapa-múndi. Do alto, compreende-se com mais facilidade porque Cook apelidou Bora Bora de Pérola do Pacífico. Ao descer na mais badalada das ilhas, imaginei a algazarra que certamente toma conta de Bora Bora nos primeiros dias de novembro. Aqui acontece a chegada do principal evento esportivo da Polinésia, a Hawaiki Nui

Va’a: corrida de piroga que reúne 60 equipes de seis remadores cada uma. A disputa de 116 quilômetros dura três dias e passa por quatro ilhas (Huahine, Raiatea, Tahaa e Bora Bora). O trecho final é o mais exigente de todos: 52 quilômetros de travessia em mar aberto. Haja braço.

Além de vivenciar a ilha no ápice da efervescência, a corrida também funciona como uma ótima oportunidade de ver outro traço importante da cultura local: as tatuagens. Musculosos, os remadores inflam os desenhos tão característicos dessa esquina do planeta (caso não esteja em novembro na Polinésia e deseje se aprofundar no assunto, procure os tatuadores do mercado público de Papeete, no Taiti). Quando o avião tocou o solo, a mente interrompeu as projeções futuristas de um dia assistir à corrida e focou no passado de Bora Bora. O aeroporto, bem como os 32 quilômetros da estrada que contorna a ilha, foi construído pelos norte-americanos, em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Pouco mais de 50 dias após o

ataque a Pearl Harbour, os Estados Unidos posicionaram 5 mil soldados na ilha para evitar que os japoneses os surpreendessem novamente. Armaram canhões, construíram bunkers e... o inimigo jamais apareceu. Agora, em tempos de paz, as casamatas servem para abrigar a população quando ciclones varrem a região. A beleza selvagem de Bora Bora, imortalizada no clássico filme *Tabu*, de 1931 (veja boxe), ainda pode ser apreciada num passeio que circunda a ilha. Na esteira do barco, ficam a praia de Matira e os motus (ilhotas de coral) de Tapu, Piti Aau (endereço do bellissimo hotel Le Meridien Bora Bora) e Tevairoa (onde fica o Bora Bora Pearl Beach Resort, outro hotel fantástico). Todos lindos de morrer.

De novo, hora de voar. Dessa vez, rumo ao arquipélago que concentra 250 fazendas de pérolas negras: Tuamotu. Finalmente, a 450 quilômetros do Taiti, brota no Pacífico Fakarava — o segundo maior atol da Polinésia, atrás apenas de Rangiroa, principal vedete das Tuamotu. E lá de cima a

primeira surpresa: a ilha, de fato, é uma não-ilha. Melhor: um campo de futebol só com as quatro linhas — ou uma pizza feita só de bordas. Isso mesmo: Fakarava, com 699 habitantes (censo de 2005), não passa de um contorno de coral, com formato retangular, sem nada no miolo. Protegida pela Unesco como Reserva da Biosfera, ali não se permitem bangalôs sobre a água. Em compensação, os 30 bangalôs de 40 metros quadrados (mais 11 de terraço) do Maitai têm poderes especiais. Inaugurado em agosto de 2002, o único hotel de categoria do atol fica espremido entre a orla da lagoa e a orla do mar aberto — são quase 500 passos de uma praia a outra. Você escuta as ondas quebrando do lado de fora, mas vê a serenidade da lagoa. Investi todo o pôr-do-sol na perspectiva de um caiaque sobre o brilho dourado desenrolado no mar. Fakarava. Era o lugar da viagem, sem dor, nem pedra no rim. No dia seguinte, no vilarejo de Tetamanu, enquanto mergulhava próximo a uma profunda parede de coral, surgem — dessa vez sem aviso prévio — dois tubarões de tamanho considerável. O prazer de estar ali, no compacto do azul, dividindo a cena, muda com dois bichos enormes. Nesses ambientes vazios de gente, compreende-se melhor a gente.

Nadei.



A MIT Revista viajou a convite da LAN Airlines: (11) 2121-9000, (21) 2240-9388, www.lan.com e Tahiti Tourisme: www.tahiti-tourisme.pf

Fakarava convida a passeios de caiaque sem direção e quase sem fim. Uma atividade relaxante...

... que nada tem a ver com o sufoco vivido por Theodore Roosevelt nas profundezas de Mato Grosso...



FOTO RETIRADA DO LIVRO 'THE RIVER OF DOUBT: THEODORE ROOSEVELT'S DARKEST JOURNEY' BY CANDICE MILLARD, PUBLISHER: DOUBLEDAY